

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

CONVERSÃO

COMO
DEUS CRIA
UM POVO



MICHAEL LAWRENCE

A conversão é essencial e há conceitos equivocados a seu respeito. Lawrence entende esse fato e explica, de modo simples e convincente, o que a Bíblia ensina. Esse pequeno livro é um grande presente.

Mark Dever, pastor da igreja Capitol Hill Baptist Church de Washington, DC, EUA; presidente do ministério 9Marks

Esse recurso tem tudo o que é necessário para o discipulado: clareza pastoral, relevância urgente, brevidade prática e fidelidade às Escrituras. Cada linha e cada capítulo trazem temas para debates importantes sobre o que a Palavra diz a respeito do evangelismo, da conversão e da igreja. Sou extremamente grata por Michael Lawrence ter escrito esse livro, que consultarei com frequência.

Gloria Furman, autora de *A esposa de pastor, Sem tempo para Deus e Vislumbres da graça* (Fiel)

Um estudo realista, claro, prático, objetivo e bíblicamente persuasivo sobre a natureza e a necessidade da conversão — um livro excelente.

David F. Wells, professor e pesquisador no Gordon-Conwell Theological Seminary; autor de *Coragem para ser protestante: amantes da verdade, marqueteiros e emergentes no mundo pós-moderno* (Cultural Cristã)

Esse é um livro norteado pelas Escrituras e extremamente relevante tanto para pastores como para ovelhas. Michael Lawrence acerta em cheio quando trata da experiência de conversão. Nascer de novo não é resultado de uma oração superficial, emocional e humanamente motivada. Temos aqui um convite para reexaminar as Escrituras e entender que a conversão é uma obra divina do começo ao fim, o que deve ficar claro pela maneira de os verdadeiros discípulos vivem em obediência a Cristo motivada pelo amor; pelo interesse que demonstram em pertencer a um grupo local de cristãos aos quais prestam contas e pelo modo em que vivem o evangelho em santidade e praticam o evangelismo. A conversão requer arrependimento, e o

arrependimento requer uma obra do Espírito Santo. É um prazer ver esse livro ser publicado neste momento.

Miguel Núñez, pastor titular da Iglesia Bautista Internacional, Santo Domingo, República Dominicana; presidente do ministério Wisdom and Integrity

Nesse livro importante, Michael Lawrence focaliza com clareza a teologia bíblica da conversão. Seu objetivo não é dar a entender que a conversão nos torna agradáveis, pois é possível sermos agradáveis sem sermos convertidos. Em contrapartida, a conversão não é uma questão de mera subjetividade, pois é possível sentir-se convertido e não ser. Lawrence argumenta que a conversão é um ato iniciado por Deus (regeneração) que dá seus frutos nos seres humanos (arrependimento e fé). Esse transbordamento da graça de Deus não apenas permite que nos arrependamos e creiamos, mas também nos capacita para que sejamos inseridos no povo que Deus criou em Cristo Jesus. Em resumo, a conversão chega a seu ápice quando participamos como membros na igreja local. Recomendo esse livro com grande entusiasmo.

Jonas Madureira, pastor titular da Igreja Batista da Palavra, São Paulo, Brasil

A verdadeira conversão não é uma fachada de “bom comportamento”, nem depende de uma decisão pontual tomada anos atrás. A verdadeira conversão é nada menos que o novo nascimento, a nova criação e a nova vida em Cristo. Esse livro oferece um relato claro e convincente da conversão de acordo com as Escrituras. Mostra que a compreensão correta é essencial para a vida de todo cristão e de toda igreja. Altamente recomendado.

Constantine R. Campbell, professor adjunto de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School

Com precisão teológica, mas linguagem clara e acessível, Michael Lawrence nos guia pelas Escrituras para nos ajudar a entender o que é a verdadeira conversão e que frutos a evidenciam. Esse é um livro que gostaria que todos os membros de nossa igreja tivessem em mãos.

Sugel Michelen, Iglesia Bíblica del Señor Jesucristo, Santo Domingo, República Dominicana

Se há um assunto a respeito do qual Satanás tentou confundir as pessoas, é a natureza da verdadeira conversão. Não há maneira melhor de enviar pessoas religiosas para o inferno do que levá-las a pensar que são convertidas quando na verdade não são. Michael Lawrence esclarece essa questão ao desenvolver a verdade muitas vezes esquecida da regeneração, o alicerce da conversão. Conclui com as implicações básicas dessa verdade quando tratada na proporção permitida pela Bíblia. É um escritor habilidoso que oferece medidas generosas de conselho pastoral. Recomendo fortemente a leitura desse livro agradável a todos nós que nos sabemos verdadeiramente convertidos, a fim de que não desencaminemos outros.

Conrad Mbewe, pastor da igreja Kabwata Baptist Church, Lusaka, Zâmbia; presidente da African Christian University de Lusaka, Zâmbia

SUMÁRIO

Prefácio da <i>Série 9Marcas</i>	15
Introdução	17
1 Pessoas nascidas de novo, não pessoas agradáveis: a indispensabilidade da regeneração	21
2 Salvos, não sinceros: obra de Deus, não nossa	37
3 Discípulos, não decisões: o caráter de nossa resposta	53
4 Santos, não sarados: implicações para a vida cristã	73
5 Diferentes, não desenhados “sob medida”: implicações para a vida comunitária da igreja	87
6 Convoque, não convença: implicações para o evangelismo	97
7 Avalie antes de assegurar: implicações para o ministério	107
8 Caridosos, não cuidadosos: o perigo de uma igreja excessivamente pura	119
Conclusão	131

PREFÁCIO DA SÉRIE 9MARCAS

Você acredita ser sua responsabilidade ajudar a construir uma igreja saudável? Se você é cristão, cremos que é o que deve fazer.

Jesus ordena que você faça discípulos (Mt 28.18-20). Judas manda que você se edifique na fé (Jd 20,21). Pedro o conclama ao uso de seus dons para servir às pessoas (1Pe 4.10). Paulo o chama a dizer a verdade em amor, a fim de que sua igreja amadureça (Ef 4.13,15). Percebe onde estamos chegando?

Seja você membro ou líder da igreja, a série *9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis* tem como alvo ajudá-lo a cumprir esses mandamentos bíblicos e, assim, desempenhar sua parte na construção de uma igreja saudável. Em outras palavras: esperamos que esses livros o ajudem a crescer em amor por sua igreja, assim como Jesus a ama.

O Ministério 9Marcas planeja produzir um livro pequeno e de fácil leitura sobre cada uma das características que Mark Dever chamou “as nove marcas da igreja saudável”, com um volume extra sobre a sã doutrina. Leia também os livros sobre pregação expositiva, teologia bíblica, o evangelho, evangelização, membresia na igreja, disciplina bíblica na igreja, discipulado bíblico e liderança bíblica na igreja (presbíteros).

As igrejas locais existem para demonstrar a glória de Deus às nações. Fazemos isso ao fixar os olhos no evangelho

CONVERSÃO

de Jesus Cristo, confiando nele para sermos salvos e amando uns aos outros com a santidade, a unidade e o amor de Deus. Oramos para que este livro o ajude.

Cheios de esperança,

MARK DEVER E JONATHAN LEEMAN,
organizadores da série.

INTRODUÇÃO

Tempos atrás, conversei com um amigo a respeito de seus dois filhos adultos. Meu amigo está preocupado com eles. Não usam drogas nem vão a festas. Ambos têm relacionamentos saudáveis e afetuosos com os pais e os amigos. Formaram-se em excelentes universidades, nas quais se destacaram. São jovens adultos atléticos, ambiciosos, belos e charmosos. Se fossem seus filhos, você se orgulharia deles, assim como meu amigo se orgulha. Mas ainda ficaria preocupado, pois não parecem ter o menor interesse por Jesus Cristo. E, para piorar as coisas, os dois se dizem cristãos.

Esses dois jovens foram criados na igreja. Aprenderam as lições da Bíblia na escola dominical. Foram ativos no grupo de jovens. Nunca foram visivelmente rebeldes. Os dois fizeram a “oração do pecador”. Foram batizados. Quando saíram de casa para fazer faculdade, demonstraram o comportamento bom e moral que haviam aprendido na igreja, mas...

Na prática, deixaram Jesus para trás. Não abandonaram o rótulo de “cristãos”. Simplesmente pararam de demonstrar interesse pela vida cristã.

Você entende por que meu amigo está preocupado? Ele tem filhos agradáveis, mas convencidos de que não precisam de Jesus porque já o têm. No entanto, quanto mais ele observa se desdobrar a vida que eles levam agora como adultos, menos certeza ele tem de que conhecem Jesus.

Sou pastor em uma igreja em que tive essa conversa com dezenas de pais. É uma conversa triste, principalmente

porque os pais se sentem traídos: seguiram todas as instruções! Fizeram tudo certo. Levaram os filhos a fazer a oração do pecador e os incentivaram a participar das programações certas, tudo na expectativa confiante de que, desse modo, também amariam Jesus.

Mas não funcionou.

A essa altura, talvez você espere que eu comece um capítulo ou um livro sobre educação de filhos. Deixarei essa tarefa, porém, para outros mais maduros e experientes. Além do mais, não tenho certeza de que o problema em questão seja uma questão de educação dos filhos. Muitos pais excelentes e criteriosos em nossas igrejas se encontram na mesma situação que meu amigo.

Em vez disso, proponho que focalizemos outros dois problemas. Primeiro, há um problema teológico, especificamente na área da teologia da conversão. Segundo, há um problema no modo de aplicarmos essa teologia em nossa igreja. Como pôr em prática nossas crenças de maneira que expressem as verdades nas quais afirmamos acreditar?

Muitas vezes, nossa teologia confessional afirma uma coisa, mas nossa teologia prática diz algo diferente. Afirmamos que a regeneração nos torna novas criaturas em Cristo, mas depois ensinamos a nossos filhos um moralismo que ateístas seriam capazes de imitar.

Dizemos que ser cristão consiste em ter um relacionamento de confiança com Jesus, mas depois tratamos o assunto como se ele se resumisse a marcar um “x” em um cartão indicando como nos decidimos por Cristo.

INTRODUÇÃO

Afirmamos que somente o Espírito Santo transfere a pessoa do reino das trevas para o reino da luz, mas depois empregamos os mesmos recursos de publicidade usados para fazer alguém mudar de marca de creme dental.

Repetidamente, o que afirmamos em nossas declarações doutrinárias a respeito da conversão não corresponde ao que nossas igrejas praticam ou a seus modelos de ministério. Portanto, não devemos nos surpreender se nossos filhos se tornarem tudo menos cristãos.

Por certo, esse não é um problema que afeta apenas pais e filhos. Afeta igrejas. Quando os convertidos de uma campanha evangelística já não estão mais presentes na campanha seguinte, quando os membros veem a igreja como mais uma opção a ser considerada junto com atividades esportivas e casas de veraneio, quando contribuição e frequência ficam aquém do número de membros, quando é difícil encontrar voluntários a menos que seja para um programa social, é provável que o problema não esteja nas técnicas de evangelismo, em uma liderança fraca, em cultos desinteressantes ou na má administração de voluntários. É bem possível que o problema esteja em nossa teologia prática da conversão. Nossa tendência é tratar os sintomas. Na realidade, porém, precisamos buscar as causas subjacentes da doença.

Esse é o objetivo deste livro.

Nos capítulos a seguir, desejo refletir cuidadosamente acerca da doutrina da conversão com base nas Escrituras. No entanto, quero ir além e pensar na diferença que a doutrina deve fazer na vida da igreja, desde o modo de fazermos evangelismo até as práticas associadas à membresia e

CONVERSÃO

ao discipulado e as formas de enxergarmos a igreja como um todo.

Em outras palavras, este é um livro sobre doutrina e prática. É um livro sobre conversão e sobre a igreja. Afinal, Deus cria um povo por meio da conversão. Mostre-me a doutrina da conversão de uma pessoa e poderei lhe dizer um bocado a respeito da igreja dela. Ou melhor: mostre-me a igreja dela e descreverei sua doutrina *funcional* da conversão, apesar de que ela declare por escrito. Nossas igrejas dão forma concreta a nossa doutrina.

Portanto, ter um conceito acertado da teologia da conversão não consiste apenas em ter uma teologia correta. Significa desenvolver práticas ministeriais que reflitam e sustentem nossas convicções teológicas.

A boa teologia é intensamente prática e, se não for, não é digna de ser chamada por esse nome.

PESSOAS NASCIDAS DE NOVO, NÃO PESSOAS AGRADÁVEIS

A indispensabilidade da regeneração

Na introdução, mencionei meu amigo preocupado que seus filhos adultos, embora muito educados, não fossem verdadeiramente cristãos. Poderíamos dizer que eram *peessoas agradáveis*, mas não *peessoas nascidas de novo* — não eram novas criaturas.

A experiência dele suscita perguntas a respeito da doutrina da conversão, bem como da prática dessa doutrina na vida da igreja. É fundamental entender doutrina e prática de forma correta. As igrejas devem crer que Deus torna as pessoas radicalmente novas, não apenas agradáveis. No entanto, devem ser capazes não somente de escrever esse fato no papel, mas também de pô-lo em ação. Como isso acontece?

Em duas das passagens mais importantes das Escrituras para o entendimento da conversão, o profeta Ezequiel e Jesus ajudam a responder a essa pergunta. Começemos com Jesus. Ele afirma que devemos “nascer de novo” para entrar no reino de Deus. Ao se dirigir a um fariseu chamado Nicodemos, Jesus observou:

“A menos que alguém nasça de novo, não pode ver o reino de Deus”. Nicodemos lhe disse: “Como é possível um homem nascer, sendo velho? Acaso pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e nascer?”. Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade te digo que, a menos que alguém nasça da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não se admire de eu ter dito: ‘É necessário nascer de novo’. O vento sopra onde quer, e ouves seu som, mas não sabes de onde ele vem nem para onde vai. Assim acontece com todos que são nascidos do Espírito” (Jo 3.3-8).

A ATRATIVIDADE DO COMPORTAMENTO AGRADÁVEL

É importante reconhecer a forte atração exercida por um comportamento agradável.

Nicodemos e fariseus como ele acreditavam que entramos no reino de Deus quando nos comportamos bem e somos pessoas agradáveis, o que, para eles, significava ser um bom judeu: guardar a Lei de Moisés, ir ao templo, apresentar os sacrifícios corretos e manter-se afastado dos gentios. Não estou dizendo que Nicodemos se considerava perfeito. Provavelmente sabia que precisava ser uma pessoa melhor e talvez por isso tenha procurado Jesus. No fim das contas, porém, a retidão moral era o ideal ao qual ele aspirava. As pessoas agradáveis entravam no Reino.

Hoje em dia, existem vários tipos de pessoas agradáveis. Há o agradável gentil mas indiferente, cuja filosofia é “cada um na sua”. Há o agradável socialmente consciente e

politicamente engajado. Há o agradável religioso em várias denominações e formas de comunidade de fé. Há o agradável “espiritual, porém não religioso”. E há aquele agradável que não deseja confrontar ninguém para não causar constrangimentos, mas ao mesmo tempo julga e despreza os outros interiormente.

Apesar dessa grande variedade de pessoas agradáveis, a atratividade do comportamento agradável não mudou muito nos últimos dois mil anos. Ser uma pessoa agradável, moralmente correta e que está se tornando ainda melhor significa sentir-se bem a respeito de si mesmo. É a atratividade da autocongratulação moral que une os diferentes tipos de pessoas agradáveis hoje em dia em um sistema religioso em comum que Nicodemos teria reconhecido (veja Lc 10.25-29). O comportamento agradável permite que nos recomendemos a outros e talvez até mesmo a Deus. Fornece o meio para a autojustificação e a capacidade de defender nosso modo de vida diante de qualquer um que o questione. Isso é bem atraente.

AS PRESSUPOSIÇÕES DO COMPORTAMENTO AGRADÁVEL

A atratividade do comportamento agradável se baseia sempre em três ideias: uma visão otimista dos seres humanos, uma visão de Deus como alguém que pode ser controlado e uma visão da religião como meio de autorreforma moral. Em essência, Nicodemos pressupõe que é capaz de fazer o que for necessário para se justificar diante de Deus. Ele imagina que Deus é o tipo de divindade que poderá agradar caso se esforce ao máximo. Pensa também que o objetivo da religião

COMO A NOSSA MANEIRA DE ENTENDER A CONVERSÃO PODE INFLUENCIAR NOSSO MINISTÉRIO?

O funcionamento de uma igreja revela muito sobre como ela crê que as pessoas sejam salvas. Quando uma igreja de fato abraça o ensino bíblico acerca da conversão, ela chama as pessoas ao arrependimento e à fé e não apenas a decisões que ocorrem uma única vez, a curas terapêuticas ou a um estilo de vida moral.

Este pequeno livro foi escrito para ajudar as igrejas a entender corretamente a diferença que a doutrina bíblica da conversão deve fazer para o ensino, o evangelismo, o discipulado, a membresia e todas as outras facetas da vida da igreja local.

A conversão é essencial, e há conceitos equivocados a seu respeito. Lawrence entende esse fato e explica, de modo simples e convincente, o que a Bíblia ensina. Esse pequeno livro é um grande presente.

MARK DEVER, pastor da igreja Capitol Hill Baptist Church de Washington, DC, EUA; presidente da organização 9Marks

Esse recurso tem tudo o que é necessário para o discipulado: clareza pastoral, relevância urgente, brevidade prática e fidelidade às Escrituras. Cada linha e cada capítulo trazem temas para debates importantes sobre o que a Palavra diz a respeito do evangelismo, da conversão e da igreja.

GLORIA FURMAN, autora de *A esposa do pastor*, *Sem tempo para Deus* e *Vislumbres da graça* (Fiel)

Temos aqui um convite para reexaminar as Escrituras e entender que a conversão é uma obra divina do começo ao fim, devendo se manifestar externamente em como os verdadeiros discípulos vivem em obediência a Cristo. É um prazer ver esse livro ser publicado neste momento.

MIGUEL NÚÑEZ, pastor titular da Iglesia Bautista Internacional, Santo Domingo, República Dominicana; presidente do ministério Wisdom and Integrity

MICHAEL LAWRENCE (PhD, University of Cambridge) é pastor titular da igreja Hinson Baptist Church, em Portland, Oregon, e autor de *Biblical theology in the life of the church*.


VIDA NOVA

vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0788-2



9 788527 507882